



ANAIS do 14º Congresso Nacional de Espeleologia
Belo Horizonte MG, 04-06 de abril de 1980 - ISSN 2178-2113 (online)

O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 14º Congresso Nacional de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/14cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

ABI-ACKEL, M.V.. Notas de espeleologia. Província espeleológica do Curral de Pedras. Currais III e IV - Localidade de Tesouras (Lapa da Festa). In: RASTEIRO, M.A.; CÂMARA, A.. (orgs.) CONGRESSO NACIONAL DE ESPELEOLOGIA, 14, 1980. Belo Horizonte. *Anais...* Campinas: SBE, 2018. p.15-17. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais14cbe/14cbe_015-017.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br

NOTAS DE ESPELEOLOGIA

PROVÍNCIA ESPELEOLÓGICA DO CURRAL DE PEDRAS

CURRAIS III E IV - LOCALIDADE DE TESOURAS (LAPA DA FESTA)

Marcos Valadão ABI-ACKEL
CPG

INTRODUÇÃO

O presente relatório, fruto de uma rápida prospecção, tida a nível de reconhecimento, é um adendo ao trabalho anterior do departamento de espeleologia sobre a província espeleológica do Curral de Pedras, tendo em vista que os fenômenos são idênticos em todas as quatro formações por nós prospectadas. Assim sendo, para que haja uma compreensão mais íntima dos processos e do carste local é necessário estar de posse das informações constantes no relatório anterior.

O aspecto cárstico dos currais de pedra III & IV segue as mesmas características de diaclasamento-lapiezamento, porém há de notar ser este mais intenso na formação de número III. Nesta formação o maciço se acha fortemente fendido até uma profundidade que varia de 10 a 30 metros da superfície, facilitando o desenvolvimento de simas pelo regime de tensões de superfície no qual prevalecem tensões verticais. Apesar de termos explorado seis destas cavidades e anotar a existência de várias outras de raio médio em torno de 2 - 3 metros, é notório outro aspecto bastante compreensível pela distribuição dos campos de tensão, ou seja, a existência de vales enormes e profundos (cerca de 10 metros de profundidade e 200 a 500 metros de extensão), sendo que o maior deles começa como uma pequena diaclase de 4 centímetros de largura.

As cavidades de eixo horizontal e sub-horizontal foram também encontradas, porém, como era de se esperar, em pequeno número (vide relatório "currais" I & II), sendo algumas de interesse como a "gruta dos meninos", situada na porção oeste-sudoeste do maciço (foto 1), rica em espeleotemas. Outras como a da "passagem" (foto 2), onde percebemos sua gênese seguindo uma diaclase cujo plano se afasta cerca de 10° da vertical. Sua forma é essencialmente uma galeria sub-horizontal alongada verticalmente de cerca de 30 metros, que termina num aven tronco-cônico com eixo inclinado aproximadamente 30° da vertical e diâmetro médio 70 cm. As paredes estão revestidas de uma formação de carbonato de cálcio semelhante a uma cascata, porém bastante porosa e

totalmente criptocristalina, sendo muito provável que sua formação seja devido à rápida deposição do carbonato pelas intensas correntes de ar que ali circulam.

São bastante frequentes os abrigos em rocha, alguns deles com pinturas rupestres, formados por desmoronamentos, às vezes de grande porte.

Através da foto 1 podemos observar a presença de uma falha que corta grande parte do maciço, porém infelizmente não pudemos prospectá-la.

No curral de pedras IV a paisagem cárstica típica destas formações só foi encontrada na região sudeste do maciço onde o lapiezamento é intenso, chegando a dificultar bastante a caminhada; entretanto todo o resto, principalmente as regiões norte e oeste apresentam a formação de um solo de pequena espessura, com árvores de pequeno porte, típicas do cerrado. Em nossa curta visita ao curral IV não encontramos cavidades de interesse.

O regime de circulações cársticas nas duas formações é essencialmente o mesmo encontrado nos maciços rochosos dos currais de pedras I & II, sendo que no embasamento de ambos (argilito) encontramos leitos secos de córregos nos quais, no período chuvoso, circulam pequenos caudais. Os proprietários das áreas, visando conseguir uma reserva de água, escavaram em alguns pontos próximos às bases das rochas, bacias como a que aparece na foto.

Nos topos e dentro das mesetas foram observados locais impermeabilizados por argila de descalcificação que provavelmente formam pequenas reservas durante o período chuvoso.

O "deserto cársico" do topo das mesetas é aparentemente mais acentuado pela aridez, porém encontramos nos vales que recortam os maciços uma maior umidade, havendo, portanto, uma flora bem mais diversificada, inclusive árvores de grande porte.

De modo geral podemos dizer que as quatro formações denominadas "curral de pedras" são gêmeas nos processos e paisagens, variando apenas

nas peculiaridades impostas à cada uma delas em particular.

LOCALIDADE DE TESOURAS

(LAPA DA FESTA)

A noroeste do curral de pedras II na localidade denominada Tesouras, município de Lagoa dos Patos, se localiza a caverna de maior interesse científico por nós prospectada, possuindo por sua vez beleza e riqueza espeleológica admiráveis.

A entrada da cavidade, dista aproximadamente um quilômetro a noroeste de Tesouras, estando localizada numa encosta de pouca declividade, às margens de uma mata, microrregião esta que apresenta uma razoável circulação de superfície com ressurgências, sumidouros e inclusive alguns travertinos de grande porte, a céu aberto no curso do riacho "Tesouras".

Na caminhada de Tesouras à entrada da gruta atravessamos dois leitos secos de riachos intermitentes revestidos de uma areia branca, provavelmente de descalcificação.

A abertura, liberada por desmoronamentos antigos cujos únicos vestígios atuais são blocos abatidos logo no interior, tem as seguintes dimensões aproximadas: altura 2 metros, largura 3 metros.

A galeria de entrada, de dimensões maiores (altura máxima 8 metros, largura máxima 10 metros) encerra grandes curiosidades espeleológicas como uma camada de argilito de cerca de 80 cm, na mesma orientação dos planos de estratificação, no meio do calcário, que se estreita em direção ao interior até desaparecer a cerca de 30 metros da entrada (lente?). Nesta camada encontramos várias formas de elepsóides de argila margosa, bastante enrijecida, de dimensões variando de 2 a 30 cm. É provável que a galeria tenha utilizado esta camada de menor consistência para iniciar sua gênese.

No teto, sempre próximo à linha de eixo vertical, encontramos três, e em alguns pontos 5 veios de quartzo (!) de cerca de um centímetro de espessura, seguindo sempre o eixo do conduto até cerca de 60 metros da entrada, onde os veios acabam. Por ser o quartzo resistente à corrosão e à erosão, os veios sobressaem ao teto (aprox. 1,5 cm) de forma a podermos notar que são planos e paralelos, de declividade aprox. 40°, sendo sua origem pneumatolítica.

Distando aproximadamente 30 metros em direção ao interior, à partir da entrada, encontramos no teto um espeleotema sui generis, sobre o qual nada consta na bibliografia referente ao assunto. Constituído por várias centenas de pequenos bastonetes de a 2 mm de diâmetro e no máximo 4 cm de comprimento, como se estivessem amontoados ao acaso, formando ângulos variados entre si e soldados uns aos outros, tal espeleotema muito chamou a atenção da equipe, apesar de suas pequenas dimensões. Não ousamos formular hipóteses por escrito sobre seu crescimento.

As duas salas que se seguem em direção ao interior apresentam dimensões médias (30 x 40 x 6 metros e 10 x 20 x 6 metros, aproximadamente), grande número de espeleotemas e depósitos bizarros, alguns jamais vistos por nossa equipe, sobre os quais não nos deteremos neste trabalho inicial.

CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

A cavidade apresenta um limite bem definido entre duas partes bem diferenciadas. A primeira parte, da entrada ao final do segundo salão possui galerias nitidamente singenéticas com pouco sedimento na base, indicando ter havido uma alteração no regime de circulações - desaceleração não muito acentuada da vazão - na rede local. Além disto há a presença de estalactites de aproximadamente o mesmo tamanho que se desviam bruscamente da vertical, indicando uma variação também brusca das condições ambientais epígeas locais, principalmente a pressão parcial de CO₂ que nos induz a teorizar uma diminuição da ventilação. Nada nos impede de pensar que ambas variações tenham sido simultâneas. Não encontramos evidências que levassem à determinação da causa de tais variações.

A segunda parte temos acesso por meio de um conduto de três metros de comprimento, 40 centímetros de altura e 1,5 metros de largura, aproximadamente. Ela se caracteriza pela ausência quase total de espeleotemas, pela presença de sedimentos argilosos bastantes úmidos de talvez 80 cm de profundidade de nos primeiros 30 metros, provavelmente aumentando em direção ao interior.

O caminhamento nesta parte é feito por galeria única sem ramificações, de formato acentuadamente singenético como se pode julgar pelas paredes lisas, marcadas por um caudal intenso e rápido, de regime inundado, em contraste direto como sedimento depositado na base pela ação de um



caudal lento, provavelmente em regime de superfície livre (não foi possível identificar o processo).

Houve a formação de paleosolo representado por um piso estalagmítico como se pode comprovar através de um pequeno desmoronamento pelo qual foi possível seguir alguns metros uma galeria inferior, logo obstruída por preenchimento argiloso.

Seguindo pelo conduto superior cerca de 70 metros à frente do desabamento, há outro desmoronamento, de maiores dimensões que o primeiro, com grandes lajes de calcário abatidas sobre o sedimento. No fundo foi observada uma área de 70 cm de raio com grande quantidade de guano de morcego avermelhado, porém eles próprios não eram numerosos. Ao lado, a distribuição dos sedimentos indica um local de perda preferencial de pequeno volume para o caudal. Imediatamente à frente, divisa-se a

continuação da galeria principal à cerca de 6 metros de altura do nível no qual se efetuam as perdas, porém foi totalmente impossível a subida por falta de equipamento adequado. Pelas dimensões da seção (entorno de 3 x 4 metros) é provável que o prolongamento da caverna seja grande.

Podemos tomar como certa a importância científica da Lapa da Festa, principalmente pelas evidências de variações bruscas do caudal e, é possível, simultaneamente das condições físicas ambientais, sendo plausível um estudo pioneiro sobre evolução de cavidade baseado nestas alterações. Também sob o ponto de vista geológico, a entrada da cavidade - como foi descrito, guarda grandes informações sobre o ambiente de gênese da formação local e regional. Por último, cabe frisar que pela beleza cênica da cavidade, bem como do vale onde está situada, há possibilidade de se efetivar o turismo naquela localidade.